

## Do Sentido como Produção de Sentido em Deleuze

Alessandro Carvalho Sales\*

*A moça de cântaro e seu gesto essencial: dar água.*  
(Orides Fontela)

### Introdução à Casa Vazia e às Singularidades: Estrutura e Acontecimento

Detectamos três momentos iniciais fundamentais, segundo os quais Deleuze investiga a noção de sentido em sua *Lógica do Sentido*. O primeiro relata o espaço entre a primeira (*Do Puro Devir*) e a terceira série (*Da Proposição*), e é o que apresenta o sentido como acontecimento, na medida em que o autor leva a termo uma interpretação do estoicismo.<sup>1</sup> O segundo é aquele em que faz uma conexão com o conceito de estrutura e parte em busca de uma espécie de ontologia do sentido. Estamos no intervalo entre a quarta (*Das Dualidades*) e a oitava séries (*Da Estrutura*).<sup>2</sup> A última porção deste percurso – espaço principal do presente texto – refere as séries em que, a partir dos ganhos e das relações obtidos com as texturas conceituais do acontecimento e da estrutura, o filósofo trama a apresentação do sentido como produção. Este trecho se estende entre a nona (*Do Problemático*) e a décima primeira série (*Do Não-Senso*).

Tomemos aqui, de início, o quadro mínimo relativo a uma estrutura, com as palavras que fecham a oitava série da *Lógica do Sentido*: “[...] não há estrutura sem séries, sem relações entre termos de cada série, sem pontos singulares correspondendo a estas relações;

---

\* Doutor em Filosofia pela UFSCar e Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais da UniRio. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Contato: [alessandro\\_sales@uol.com.br](mailto:alessandro_sales@uol.com.br)

<sup>1</sup> Remetemos o leitor a estudo anterior: Sales, A. C. Deleuze e A Lógica do Sentido: O Problema da Estrutura. Revista Trans/Form/Ação, v. 29(2), p. 219-239, 2006.

<sup>2</sup> Remetemos o leitor a estudo anterior: Sales, A. C. Deleuze e os Estóicos: Sentido e Acontecimento. In: Jardim, A. F. C.; Sales, A. C.; Marques, S. T.; Sales, L. S. (Orgs.). Experimentações Filosóficas - Ensaios, Encontros e Diálogos. São Carlos: Edufscar/Fapesp, 2009, pp. 72-94.

mas, *sobretudo*, não há estrutura sem casa vazia, que faz tudo funcionar”.<sup>3</sup> Devemos atentar para a força deste “sobretudo”. Antes de mostrar mais minuciosamente como “gira” a maquinaria do sentido, Deleuze vai retomar as engrenagens antes apresentadas, inserir outras, colocá-las em relação, apresentar novas noções, essenciais para as elaborações posteriores do livro. Entretanto, mais ainda tendo em vista nosso recorte, o que se observa nestes feixes conceituais relativos à nona e à décima séries, ao problemático e ao jogo ideal do Aion, é o relevo – sob diferentes roupagens – conferido à chamada instância paradoxal. Se com ela Deleuze finaliza a oitava série e lhe faz acompanhar um patente “sobretudo”, nós também a veremos encerrando as proposições das duas séries em questão. Isso para já retomá-la no início da décima primeira série, onde nos cabe chegar.

A movimentação conceitual que introduz a apresentação do problemático começa, num gesto tipicamente deleuzeano, colocando em relação o acontecimento ideal e a singularidade estrutural. Esclareçamos melhor:

O que é um acontecimento ideal? É uma singularidade. Ou melhor: é um conjunto de singularidades, de pontos singulares que caracterizam uma curva matemática, um estado de coisas físico, uma pessoa psicológica e moral. São pontos de retrocesso, de inflexão etc.; desfiladeiros, nós, núcleos, centros; pontos de fusão, de condensação, de ebulição etc.; pontos de choro e de alegria, de doença e de saúde, de esperança e de angústia, pontos sensíveis, como se diz.<sup>4</sup>

O autor focalizará cada vez mais sua atenção nos caracteres das singularidades. Se vêm a lume com as estruturas,<sup>5</sup> observamos agora que elas são os próprios acontecimentos. De fato, os pontos singulares de uma estrutura qualquer são também pontos eventuais, acontecimentos, instâncias notáveis que sinalizam mudanças, transformações, inovações: algo se passa... Assim, Deleuze pode confirmar as singularidades – segundo sua condição eventual – como distintas da designação, da manifestação e da significação. Ele não as localiza em qualquer plano objetivo, pessoal ou conceitual; pelo contrário, tais pontos extraordinários concernem ao transcendental, ao virtual.<sup>6</sup>

As singularidades são pontos de concentração que se destacam dentro de um *continuum*, distribuindo ressonâncias pela circunvizinhança até a região de uma outra

---

<sup>3</sup> Deleuze, *Lógica do Sentido*, p. 54. Grifo nosso.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 55.

<sup>5</sup> Cf. os desenvolvimentos entre a quarta e a oitava séries da *Lógica do Sentido*.

<sup>6</sup> Cf. ibidem, p. 55.

singularidade. A distribuição ou repartição heterogênea de tais pontos em função de um disparador especial – a casa vazia – vai conformando as duas séries principais de uma estrutura qualquer, séries sempre desequilibradas. Tais séries são geradas na medida em que, em função do deslocamento da instância paradoxal, “as singularidades se deslocam, se redistribuem, transformam-se umas nas outras, mudam de conjunto”.<sup>7</sup>

Essa distribuição e redistribuição contínua de singularidades – o mundo acontece – origina, no nível das efetuações, uma história. No entanto, como Deleuze gosta de afirmar a partir de Péguy, a mais interessante dessas histórias é sempre “contada” em outro lugar. Teríamos aí uma outra História, que não valorizaria simplesmente o acontecimento em sua efetuação positiva, mas cuja cintilação evidente seria remontar dessa dimensão visível em direção às singularidades subjacentes.<sup>8</sup>

Do mesmo modo, Deleuze quer forjar o descompasso entre o acontecimento puro e o acidente, entre a idealidade do acontecimento e sua efetuação espaço-temporal nos estados de coisas. Poderíamos ainda marcar um afastamento em relação ao acontecimento tal como captado pelos jornalismo, pelas mídias em geral. Estas, tanto quanto a disciplina histórica tradicional, embora numa outra perspectiva, enxergam preferencialmente a empiria. Trata-se aí do acidental. A crítica ao factualmente histórico ou acidental também está na série em pauta.<sup>9</sup> Deleuze assinala aí as distâncias entre as séries transcendentais e empíricas, ou melhor, puras e históricas, ideais e acidentais. Mas, principalmente, ele aponta toda a relevância das singularidades, elas que ganharam o estatuto do evenemencial.

Caminhamos em meio à conexão que Deleuze tenta construir entre os estoicos e um certo estruturalismo, entre uma filosofia antiga e outra recente, contemporânea. As singularidades estruturais são plenamente determináveis, até mesmo porque, é preciso lembrar, a estrutura é uma construção paradigmaticamente racional, “de autoridade matemática”.<sup>10</sup> Mas essas singularidades são também evenemenciais, e eis que Deleuze aponta a sua idealidade, mas no nível da reversão do platonismo: as singularidades não são alcançadas por uma busca a possíveis modelos e essências inteligíveis, mas são aquilo que

---

<sup>7</sup> Ibidem, p. 70.

<sup>8</sup> Cf. *Conversações*, p. 211. Cf. *Lógica do Sentido*, p. 56 e Pelbart, *O Tempo Não-Reconciliado*, p. 103.

<sup>9</sup> Cf. *Lógica do Sentido*, p. 56

<sup>10</sup> Wahl, *O Copo de Dados do Sentido*, p. 133. Wahl lembra por exemplo as referências, ainda que com reserva, ao cálculo diferencial. Cf. *Lógica do Sentido*, p. 53.

podemos produzir, aquilo que desde sempre produzimos. Nas palavras de Deleuze, “os acontecimentos são as únicas idealidades; e reverter o platonismo é, em primeiro lugar, destituir as essências para substituí-las pelos acontecimentos como jatos de singularidades”.<sup>11</sup>

## O Problemático

O autor apresenta uma outra conceituação pela qual considerar e determinar os acontecimentos, as singularidades, de acordo agora com seu caráter de problema. Qual a relação mais comum que se coloca entre problema e solução, entre pergunta e resposta? Uma pergunta costuma ser tecida a partir de um rol de respostas prontas: o problema é sim colocado, mas segundo uma solução já pressuposta. Em *Diferença e Repetição*, Deleuze afirma que “é preciso parar de decalcar os problemas e as questões sobre proposições correspondentes, que servem ou podem servir de respostas”.<sup>12</sup> Na medida em que se compartilham, recorrentemente, um senso comum e um bom senso, perguntas e respostas, problemas e soluções parecem se limitar ao estatuto do mesmo, falta de novidade, ou ao disfarce que acomete boa parte do mundo da cultura.<sup>13</sup> Como perspectivar isso de um modo menos pueril ou mesmo reacionário?<sup>14</sup>

As singularidades evenemenciais são indissociáveis de um campo problemático, o nó complexo de forças e tendências que está sempre a pedir um encaminhamento, um desenvolvimento, o que diz respeito, de outra parte, no nível estritamente empírico, à efetuação daquele campo segundo um movimento de atualização resolutiva.<sup>15</sup> O acontecimento é problemático e problematizante, e o problema consiste precisamente nos pontos singulares que exprimem suas condições.<sup>16</sup> Parece essencial, portanto, que se saiba colocar bem o problema, elaborá-lo. É que a determinação do problema já condiciona ou mesmo conduz seus processos de solução. Uma solução nada mais é que um

---

<sup>11</sup> *Lógica do Sentido*, p. 56.

<sup>12</sup> *Diferença e Repetição*, p. 257.

<sup>13</sup> Cf. *ibidem*, p. 259.

<sup>14</sup> São os adjetivos empregados por Deleuze na p. 259 de *Diferença e Repetição*.

<sup>15</sup> Sugerimos aqui a leitura de *O Que É o Virtual?*, de Pierre Lévy, pp. 15-18, onde o virtual e o atual estão referidos, particularmente, ao par problema-solução.

<sup>16</sup> *Lógica do Sentido*, p. 57.

encaminhamento muito particular de uma problemática mais ampla, mais complicada (mais tensa, cheia de dobras) que a gerou.<sup>17</sup>

Deleuze pode assim reclamar de um certo hábito que reduz toda questão a um registro meramente subjetivo, configurada como uma espécie de enigma a ser desvelado pelos sujeitos, algo que não se conhece apenas temporariamente, problema que haveria mesmo de se dissipar assim que o pensamento racional reencontrasse o nexos perfeito com a realidade inteligível. Mas os problemas não desaparecem, ou morrem, depois de encontradas soluções: “O problema pode muito bem ser recoberto pelas soluções, nem por isso ele deixa de subsistir na Ideia que o refere às suas condições e organiza a gênese das próprias soluções. Sem esta Ideia as soluções não teriam *sentido*”.<sup>18</sup>

Eis a Ideia referida segundo o par problema-solução. A inseparabilidade dos membros desse par é tal que um remete ao outro, um está no outro. Não há problema que já não aponte caminhos de solução; inversamente, toda solução é apenas o rastro sensível de uma problemática mais densa que a concebeu. O problema pode ser recoberto pelos seus efeitos resolutivos da mesma maneira que as formas de superfície ocultam o movimento de forças profundas, ou que as atualizações fenomenológicas deixam em reserva suas plenas singularidades. Mas é o âmbito problemático que garante a existência de uma solução, aliás, é ele – como ainda verificaremos melhor – que lhe assegura, que lhe doa sentido. A solução tem sentido porque foi encontrada no próprio problema, a partir dele.

Digamos, enfim, que o sentido é problemático, que ele constitui problema, que ele está no problema. De outra parte, determinar um problema é já resolvê-lo, ainda que problema e solução sejam de naturezas diversas: enquanto o primeiro aponta um jogo de relações e de pontos singulares correspondentes, o segundo é efeito de tal jogo, é sua especificação.<sup>19</sup>

A comunicabilidade entre problema e solução se dá pela colocação de uma pergunta. No caso, a pergunta é propriamente indicada como casa vazia, como instância paradoxal. Sabemos que não há semelhança entre problema e solução; são lugares de naturezas distintas,

---

<sup>17</sup> Diz Deleuze: “Parece, pois, que um problema tem sempre a solução que merece segundo as condições que o determinam enquanto problema [...] Nem por isso deixa de ser verdade que [...] a instância-problema e a instância-solução diferem em natureza – como o acontecimento ideal e sua efetuação espaço-temporal” (Ibidem).

<sup>18</sup> Ibidem. Grifo do autor.

<sup>19</sup> Cf. *Diferença e Repetição*, p. 267.

mas cuja reversibilidade atravessa a casa vazia, agora sinalizada como uma interrogação. A pergunta conectora funciona como disparador de acontecimentos no campo problemático, distribuindo e redistribuindo seus pontos singulares, ramificando-os, provocando-lhes novos arranjos, gerando novos ecos e ressonâncias, fazendo assim o problema passar sob outros ângulos e perspectivas, o que acaba, em paralelo, produzindo outras atualizações resolutivas.

[...] se as repartições de singularidades que correspondem a cada série formam campos de problemas, como caracterizaremos o elemento paradoxal que percorre as séries, faz com que elas ressoem, se comuniquem e se ramifiquem e que comanda a todas as retomadas e transformações, a todas as redistribuições? Este elemento deve ser ele próprio definido como o lugar de uma pergunta. O *problema* é determinado pelos *pontos singulares* que correspondem às séries, mas a *pergunta*, por um *ponto aleatório* que corresponde à casa vazia ou ao elemento móvel.<sup>20</sup>

Fica indicada, mais uma vez, toda a importância da casa vazia. Nada mais oportuno: o que é então a casa vazia? Uma pergunta! E indagáramos: de que pergunta se trata? De uma pergunta em si irrespondível, mas que, percorrendo desmedidamente domínios diversos, é capaz de desatar uma série inesgotável de respostas, aliás, de sentidos.<sup>21</sup>

## O Jogo Ideal e o Aion

Ao percorrer as séries, sabemos que a casa vazia rearranja e renova as disposições das singularidades, que são continuamente atualizadas nos seus outros sensíveis, efetuação dos acontecimentos. Há ainda uma importante figura conceitual sobre a qual o autor pouco falou até então. Eis que ele dedica toda a décima série da *Lógica do Sentido* para desenvolver as relações com o acaso.

A argumentação parte da apresentação dos princípios relativos a dois tipos diferentes de jogos, que fazem valer diversamente o acaso. Consoante Deleuze, os jogos tradicionais têm como características: a necessidade de regras categóricas preexistentes muito bem

---

<sup>20</sup> *Lógica do Sentido*, p. 59. Grifos do autor.

<sup>21</sup> Cf. os comentários de Deleuze às pp. 59-60 da *Lógica do Sentido*. Tomemos ainda uma citação de *Em que se pode reconhecer o Estruturalismo?*, pp. 295-296: “Em que consiste este objeto = x? É e deve permanecer o objeto perpétuo de uma adivinhação, o *perpetuum mobile*? Seria uma forma de lembrarmos a consistência objetiva que assume a categoria do problemático no seio das estruturas. Finalmente, é bom que a questão ‘em que se pode reconhecer o estruturalismo?’ conduza à posição de algo que não seja reconhecível ou identificável”.

definidas; o encaminhamento de possibilidades hipotéticas de acordo com tais regras (se isto então aquilo, senão...), ou seja, uma relativização do acaso pela tentativa de calculá-lo, de determiná-lo; cada hipótese corresponde a uma pluralidade de jogadas, reais e numericamente distintas, e que assim concernem distribuições fixas e específicas; finalmente, como consequência do andamento das distribuições possíveis, uma situação relativa de vitória ou de derrota.<sup>22</sup>

Na contrapartida, Deleuze sai em busca dos princípios – ainda que aparentemente inaplicáveis, aparentemente sem realidade – que poderiam estabelecer uma espécie de jogo puro. Primeiramente, as regras não podem ser preexistentes, de modo que cada lance constrói suas próprias regras. O desenvolvimento dos lances, ao invés de tentar calcular o acaso segundo possibilidades hipotéticas, deve afirmá-lo incondicionalmente, de maneira que cada jogada continuamente o ramifica, e por esta medida incomum os caminhos são tecidos e encadeados. Como terceiro tópico, temos: “As jogadas não são pois, realmente, numericamente distintas. São qualitativamente distintas, mas todas são as formas qualitativas de um só e mesmo lançar, ontologicamente uno”.<sup>23</sup> Com esta proposição, podemos tentar desenvolver algumas ideias essenciais ao pensamento de Deleuze.

Não somos exatamente nós os donos destes lances. Não é um “eu” que controla este jogo ideal: mais que tecer este jogo, ele nos tece. Seus lances vêm sempre de fora e somos algumas das pedras em movimento. No tabuleiro da vida, haveria um Lançar extraordinário, e é dele que Deleuze falava há pouco.

Ora, já na série *Do Problemático*, nos deparávamos com enunciados como: “Se as singularidades são verdadeiros acontecimentos, elas se comunicam em um só e mesmo Acontecimento que não cessa de redistribuí-las e suas transformações formam uma história”;<sup>24</sup> ou, mais simplesmente, “os acontecimentos são singularidades ideais que comunicam em um só e mesmo Acontecimento”.<sup>25</sup> Mesmo no início do livro, há enunciados afins.<sup>26</sup> Chega a hora de clarearmos algo mais esta série de proposições.

---

<sup>22</sup> Cf. *Lógica do Sentido*, pp. 61-62.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 62.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 56. Grifo do autor.

<sup>25</sup> *Ibidem*.

<sup>26</sup> Cf. *ibidem*, na segunda série, *Dos Efeitos de Superfície*, p. 12, o comentário relativo ao anel de Moebius.

É que o jogo em questão não tem como não ser jogado: ele necessariamente acontece. Cada lance, cada acontecimento, equivale a uma redistribuição de singularidades, ou, paralelamente, a uma nova configuração de pontos e nós sensíveis. Mas todos estes lances, conforme propõe Deleuze, estão compreendidos na figura excepcional de um único Lançar, o da casa vazia, ela que não para de se movimentar, de fazer acontecer. Cada jogada é como uma pequena vibração, uma emanção, todas desde sempre reunidas no nível deste único Lançar, ponto aleatório cuja regra é o desregramento, parceiro do acaso.

Contrariamente às partidas tradicionais, aqui a distribuição das jogadas não é sedentária, não pode ser pré-fixada, não é pré-visível dentro de um espaço fechado de possibilidades. Ela é nômade. As singularidades são filhas do acaso, repartidas ao longo de um espaço ilimitadamente aberto, segundo o movimento incessante deste ponto aleatório. Assim, todos os sistemas de singularidades, os virtuais lances, se comunicam e ressoam na medida em que estão implicados segundo um nó único e enigmático.<sup>27</sup> É aí que tudo se comunica com tudo.<sup>28</sup>

No quarto ponto de comparação em relação aos jogos conhecidos, aqui não há vencedores nem vencidos. O jogo em questão é incapaz de fazer sucesso, ele certamente não anima competidores. “Ele só pode ser pensado e, mais ainda, pensado como não-senso. Mas, precisamente: ele é a realidade do próprio pensamento. É o inconsciente do pensamento puro”.<sup>29</sup>

Com efeito, este jogo só pode mesmo carecer de sentido, mas justamente porque é ele que lhe dá sustentação. Trata-se de um não-sentido, um inconsciente, e assim apto a garantir a gênese do sentido, a presentificá-lo, fazendo-o emergir à consciência, pensamento efetuado. Assim:

É cada pensamento que emite uma distribuição de singularidades. São todos os pensamentos que comunicam em um Longo pensamento, que faz corresponder ao seu deslocamento todas as formas ou figuras da distribuição nômade, insuflando por toda parte o acaso e ramificando cada pensamento, reunindo “em uma vez” o “cada vez” “para todas as vezes”. Pois só o pensamento pode *afirmar todo o acaso, fazer do acaso um objeto de afirmação*.<sup>30</sup>

---

<sup>27</sup> Cf. os comentários de Deleuze, *ibidem*, pp. 62-63.

<sup>28</sup> Cf. Villani, artigo *Deleuze e a Anomalia Metafísica*, p. 46.

<sup>29</sup> *Lógica do Sentido*, p. 63.

<sup>30</sup> *Ibidem*. Grifo do autor.

Há aí uma filosofia do acaso. Ou, como reza a conhecida fórmula, *pensar é jogar os dados*. O acaso está associado à casa vazia, aos disparadores de sentido em geral. Tais disparadores estão unicamente regulados pelo acaso, e assim tanto melhor: estão desregulados, postos sob o signo do imprevisto, do imprevisível. Eis a sugestão de Deleuze: afirmar o acaso, ao invés de tentar dominá-lo, dividi-lo.<sup>31</sup> Pelo contrário, conquistá-lo talvez seja muito mais deixar-se levar, buscar com ele uma aliança. Ele carrega as sementes incorporais do novo, da transformação, as redistribuições contínuas e nômades das singularidades.

Deleuze está então por tecer uma série de considerações referentes ao tempo, para depois estabelecer o seu elo com o jogo ideal e com o acaso. Ele começa lembrando que, nos jogos tradicionais, o acaso é amarrado segundo alguns pontos de encontro entre séries independentes, por exemplo, o encaixe decisivo entre o giro da roleta e a bola lançada.<sup>32</sup> Mas nosso autor quer algo mais que isso, algo como um acaso contínuo, sem qualquer possibilidade de fixidez, perenemente reinsuflado.

Assim, incitado por um texto de Borges,<sup>33</sup> Deleuze se interroga sobre o estatuto de um tempo que não precisa ser infinito, mas infinitamente subdivisível. Trata-se do Aion. Ele se entregará então mais detidamente a uma primeira releitura do problema do tempo nos estoicos, tópico que, esporadicamente, já vinha como que anunciando desde o início do livro, e que ainda haverá de ampliar, especialmente quando da vigésima terceira série, intitulada *Do Aion*.<sup>34</sup>

Há um tempo vinculado à ação dos corpos e de suas misturas, presente das causas, das efetuações, tempo determinável e limitado, porém cíclico, circular, e assim infinito. Nesta primeira apreensão, só o presente existe, um presente que se compõe do somatório de outros presentes justapostos. Cronos está ligado à medida dos ciclos, os presentes contínua e

---

<sup>31</sup> Cf. *ibidem*, p. 63. Isso terá grandes implicações quanto à chamada ética do acontecimento, que localizamos, de um modo mais amplo, entre as séries 19 (*Do Humor*) e 22 (*Porcelana e Vulcão*). Nesse caso, cf. também Deleuze & Parnet, *Diálogos*, pp. 78-83.

<sup>32</sup> Cf. *Lógica do Sentido*, p. 63.

<sup>33</sup> Trata-se do texto *A Loteria em Babilônia*. Deleuze cita uma passagem na *Lógica do Sentido*, à p. 64.

<sup>34</sup> Tentaremos mostrar aqui algumas linhas da interpretação de Deleuze sobre o tempo no estoicismo, particularmente aquelas desenvolvidas na série em estudo. Indicamos a leitura do quarto capítulo do livro de Émile Bréhier, *La Théorie des Incorporiels dans l'Ancien Stoïcisme*. Deleuze chega a citar o livro de Victor Goldschmidt, *Le Systeme Stoïcien et l'Idée de Temps*, que, no entanto, fornece uma outra interpretação do mesmo problema. Sobre isso, e mais geralmente sobre a temática em pauta, cf. Pelbart, *O Tempo Não-Reconciliado*, pp. 63-72. Não deixar de cf. também, obviamente, a série *Do Aion*.

repetitivamente liberados, espécie de “pulsação através da qual ele se dilata e se contrai para absorver o presente ‘no jogo dos períodos cósmicos’ em que se escande”,<sup>35</sup> de modo que o passado e o futuro perdem qualquer tipo de prerrogativa. Estes ficam relativos a um certo presente (determinado, limitado) e fazem parte de um presente ainda mais vasto, mais extenso. Tal relatividade provoca também a relatividade dos presentes entre si. Cronos é a perpétua justaposição de tais ciclos ou presentes relativos. Os deuses vivem Cronos, o presente absoluto, que engloba todos os ciclos, todo futuro e passado relativos ao meu presente, sempre parcial e limitado.

Há também um outro tempo, ligado aos efeitos incorporais, ilimitado, mas que jamais volta sobre si, e assim não é cíclico nem infinito. Aqui, inversamente, cada átimo de presente se reparte indefinidamente em passado e futuro: o Instante é o que se arrasta em pura linha reta, rastro disposto por extremidades que caminham incessantemente em sentidos opostos. “No tempo presente, uma parte é futura, outra passada”.<sup>36</sup> Atingir o Aion seria chegar ao tempo genuíno, vazio extemporâneo, porque liberado de quaisquer coordenadas, puro desdobramento linear do círculo temporal. Impassável-passado, tempo que não passa, fraturado-futuro, tempo desde sempre passado: Aion. Assim como o sentido-acontecimento, ele é um incorporeal. Em suma, são dois tempos:

Dos quais um é sempre definido, ativo ou passivo, e o outro, eternamente Infinitivo, eternamente neutro. Dos quais um é cíclico, mede o movimento dos corpos e depende da matéria que o limita e preenche; e o outro é pura linha reta na superfície, incorporeal, ilimitado, forma vazia do tempo, independente de toda matéria [...] Na medida mesma em que o presente mede a efetuação temporal do acontecimento, isto é, sua encarnação na profundidade dos corpos agentes, sua incorporação em um estado de coisas, na mesma medida o acontecimento por si mesmo e na sua impassibilidade, sua impenetrabilidade, não tem presente mas recua e avança em dois sentidos ao mesmo tempo, perpétuo objeto de uma dupla questão: o que é que vai se passar? O que é que acabou de se passar?<sup>37</sup>

E, mais uma vez, estes tempos são paradoxalmente coexistentes, as duas leituras são simultâneas.<sup>38</sup> Contudo, devemos observar que o Aion é a própria condição para as disposições de Cronos, a quem resta colher as efetuações, a chegada dos acontecimentos em

---

<sup>35</sup> Pelbart, op. cit., p. 69.

<sup>36</sup> Plutarco, apud Bréhier, op. cit., p. 58. Com Diógenes Laércio, um pouco adiante, ainda na p. 58, Bréhier confirma que o passado e o futuro são sem limites, embora o presente seja limitado. Conclui então Bréhier: “O presente seria então apenas uma porção limitada de passado e de futuro”.

<sup>37</sup> *Lógica do Sentido*, p. 65.

<sup>38</sup> Cf. Pelbart, op. cit., p. 69.

estados de coisas bem demarcados, prover ao acidente suas coordenadas, seus limites, sua espessura: tal hora, tal dia... Deleuze principia a comentar os exemplos da morte, do mímico, os quais ainda desenvolverá bastante, especialmente ao longo da problematização ética que ainda virá na *Lógica do Sentido* (entre a décima nona, *Do Humor*, e a vigésima segunda série, *Porcelana e Vulcão*).

Tentemos avançar um pouco mais quanto à caracterização do Aion. Pelo que parece, não há como não recorrermos aos paradoxos, aos oximoros, se queremos minimamente viabilizar, em termos de linguagem, este tempo descomunal. O que, por outro lado, é bastante compreensível, uma vez que tal tempo é o dos devires de superfície. Melhor: os devires de superfície são este tempo. É aí que as antinomias proliferam, e Deleuze as usa veementemente quando se trata de apresentar o Aion em sua relação com o acontecimento:

Cada acontecimento é o menor tempo, menor que o mínimo de tempo contínuo pensável, porque ele se divide em passado próximo e futuro iminente. Mas é também o tempo mais longo, mais longo que o máximo de tempo contínuo pensável, porque ele não cessa de ser subdividido pelo Aion que o torna igual à sua linha ilimitada. Entendamos: cada acontecimento sobre o Aion é menor que a menor subdivisão no Cronos; mas é também maior que o maior divisor de Cronos, isto é, o ciclo inteiro.<sup>39</sup>

O Aion é a linha reta traçada pelo deslocamento vertiginoso do ponto aleatório. Ao mesmo tempo em que a linha reta sem começo nem fim vai sendo tracejada, as singularidades relativas aos acontecimentos, à medida de sua contínua repartição, são distribuídas ao longo do percurso. Cada acontecimento dispõe-se sobre o Aion e se estende por toda a linha, sempre relativamente ao ponto aleatório que o encaminha. Assim, todos os acontecimentos se comunicam entre si e formam um só e mesmo Acontecimento, o Acontecimento do Aion.<sup>40</sup>

Deleuze então argumenta acerca do possível segredo do acontecimento, aquilo que lhe facultaria esta pura interconexão. É que estendido ao longo do Aion, entretanto ele não chega a ocupá-lo, a repletá-lo. Não há como um incorporal preencher outro incorporal. Os corpos se penetram, as coisas e estados de coisas vão recheando o lugar de Cronos. Mas, quanto ao Aion incorporal, este vai coletando as singularidades de todo tipo de acontecimento, tarefa desmedida. Estes acontecimentos o habitam, mas não o esgotam nem o preenchem. Finalmente:

---

<sup>39</sup> *Lógica do Sentido*, p. 66.

<sup>40</sup> Cf. *Lógica do Sentido*, p. 67.

O Aion é o jogador ideal ou o jogo. Acaso insuflado e ramificado. É ele a cartada única de que todos os lances se distinguem em qualidade. Ele joga ou se joga sobre duas mesas pelo menos, na juntura das duas mesas. Aí, ele traça sua linha reta, bissetriz. Ele recolhe e reparte sobre todo o seu comprimento, as singularidades correspondendo às duas. As duas mesas ou séries são como o céu e a terra, as proposições e as coisas, as expressões e as consumações [...] O Aion é exatamente a fronteira das duas, a linha reta que as separa, mas igualmente superfície plana que as articula, vidro ou espelho impenetrável. *Assim* circula através das séries, que não cessa de refletir e de ramificar, fazendo de um só e mesmo acontecimento o expresso das proposições, sob uma face, o atributo das coisas, sob a outra face.<sup>41</sup>

Resta-nos talvez tentar aproximar o jogo da vida não dos jogos tradicionais, mas dos ideais. Segundo a filosofia em questão, o que há são simulacros disjuntos deste algo maior, onde uma espécie de pura comunicação acabaria facultada.<sup>42</sup> A perpétua distribuição nômade das singularidades nos coloca sob a potência do Aion, do acaso puro, irrepetível roda-viva. Liberar o acaso é talvez chegar mais perto de esporos de novidades, mudanças de perspectivas. Só não há como deixar de jogar os dados, de apostar.

Atravessando as séries heterogêneas de base, passamos indistintamente da figura pontual e aleatória da casa vazia para a linha do Aion, que é também a superfície fronteira tão comentada no livro.<sup>43</sup> Partiremos agora para os encaminhamentos principais deste trabalho. Precisamos ver melhor como pode o sentido eclodir tendo em vista as elaborações conceituais apresentadas. Incluiremos um novo tema, o das palavras esotéricas. Deleuze já as havia apresentado na sétima série. Este estudo talvez ficasse algo deslocado no contexto do problema da estrutura, mas, aqui, ele cabe bem, uma vez que tais palavras são o mote principal pelo qual o autor irá requerer vínculos particulares entre não-senso e produção de sentido. No caso, vamos reter do assunto apenas o que for necessário às proposições mais conclusivas estabelecidas ao longo das séries principais ora em pauta.

## **Palavras Esotéricas, Não-Senso e Produção de Sentido**

Chegamos à décima primeira série, *Do Não-Senso*. Aqui, o autor tenciona mostrar, mais detalhadamente, como o sentido procede do não-sentido, como este o produz. A

---

<sup>41</sup> Ibidem.

<sup>42</sup> Cf. ibidem.

<sup>43</sup> Mais adiante, na p. 172, Deleuze dirá, com relação à “organização” do sentido-acontecimento: “o ponto que traça a linha, a linha que faz fronteira, a superfície que se desenvolve, se desdobra dos dois lados”.

argumentação tomará por base o caso das palavras esotéricas e palavras-valise, na proporção em que se trata de um procedimento que estampa exemplarmente a circulação da casa vazia, o funcionamento da estrutura, a produção de sentido.<sup>44</sup>

Na série de número sete, *Das Palavras Esotéricas*, Deleuze estuda os diferentes meios pelos quais Lewis Carroll compõe e articula as séries de suas obras. Em particular, ele apresenta a potência das palavras esotéricas e das palavras-valise, que não são necessariamente a mesma coisa. As palavras esotéricas mais comuns a Carroll dizem respeito a uma síntese que assevera a coexistência e a conjunção de duas séries de proposições heterogêneas ou de dimensões de proposições. São palavras que se estabelecem entre as séries comer-falar, ou entre as dimensões designação-expressão, conjugando-as, coordenando e garantindo sua heterogeneidade. Os exemplos abrangem partículas como *isto*, *negócio*, *história*, *treco*, *coisa*, *trem*, *snark*... Porém, todos estes nomes não são a palavra que circula; antes, são nomes que tentam designá-la. “*A palavra circulante é de uma outra natureza: em princípio é a casa vazia, a prateleira vazia, a palavra em branco [...]*”<sup>45</sup>

Mas há uma outra síntese, um tipo de palavra esotérica que configura um tipo muito especial. Ela diz respeito propriamente ao que Deleuze irá considerar como palavra-valise. Esta, para além da conjunção entre séries ou dimensões heterogêneas, se define como disjunção, mas numa perspectiva distante da disjunção comum, uma vez que, longe de excluir ou de negar, afirma concomitantemente todos os disjuntos que atravessa e que ramifica incessantemente, valorizando o jogo das diferenças. Assim:

Quando a palavra esotérica não tem somente por função conotar ou coordenar duas séries heterogêneas, mas além disso introduzir nelas disjunções, então a palavra-valise é necessária ou necessariamente fundada; isto é, a própria palavra esotérica é então ‘chamada’ ou designada por uma palavra-valise.<sup>46</sup>

O principal exemplo é o termo *frumious*, que Carroll usa tanto no *Jabberwocky* quanto no *The Hunting of the Snark*.<sup>47</sup> Segundo Deleuze, que trabalha a partir do prefácio de Carroll

---

<sup>44</sup> Obviamente, existem outros procedimentos. Cf. Deleuze, *Em que se pode reconhecer o Estruturalismo?*, p. 295.

<sup>45</sup> *Lógica do Sentido*, p. 47.

<sup>46</sup> *Ibidem*, pp. 49-50.

<sup>47</sup> Em *The Hunting of the Snark*, lemos, na sétima parte deste longo poema, no início da quarta estrofe: “*Without rest or pause – while those frumious jaws/Went savagely snapping around*”. No *Jabberwocky*, eis os dois últimos versos da segunda estrofe: “*Beware the Jubjub bird and shun/The frumious Bandersnatch!*”. As traduções de Augusto de Campos (de que se vale Sebastião Uchoa Leite) e de Maria Luiza Borges do

em *The Hunting of the Snark*, a disjunção quanto à palavra *frumioso*, não é entre fumante e furioso, mas entre fumante-furioso e furioso-fumante: as duas sequências são plenamente afirmadas. Assim, de palavra-valise em palavra-valise, de perspectiva em perspectiva, é facultado um labirinto de caminhos, é relatada uma profusão de histórias:

Neste sentido, a função da palavra-valise consiste sempre em ramificar a série em que se insere. Eis porque ela nunca existe só: ela dá sinal a outras palavras-valise que a precedem ou a seguem e que fazem com que toda série já ramificada seja em princípio ainda ramificável. Michel Butor diz muito bem: ‘Cada uma destas palavras poderá se tornar como um desvio e iremos de uma a outra por uma multidão de trajetos; de onde a ideia de um livro que não conta somente uma história, mas um mar de histórias’.<sup>48</sup>

As palavras-valises são mais complexas que as palavras esotéricas, mas, em última instância, ambas tentam referir, aliás, nomear, o portal singular que põe movimento nas coisas. Estas palavras são capazes, por si mesmas, de dizer o próprio sentido. Se assim for, o elemento paradoxal que as anima é um não-senso<sup>49</sup>, capaz, ao mesmo tempo, de gerar sentido. Devemos, junto a Deleuze, perseguir tal hipótese e verificar como o elemento paradoxal se comporta no caso das palavras comuns. Ele começa definindo duas figuras verbais do não-senso com base nessas palavras especiais.

Pela primeira figura, correspondente às partículas esotéricas, temos uma palavra = x que designa a casa vazia, o objeto = x. Atentemos: estamos aí nomeando o que não se poderia nomear, um inominável. No entanto, é precisamente assim que atua a palavra esotérica. Como palavra = x, ela atravessa a série significante, da fala, das expressões; ao mesmo tempo, porém, como objeto = x, ela percorre a série dos significados, dos consumíveis, das coisas ou designações. Um *treco*, uma coisa, são palavras-fronteiras que marcam, concomitantemente, dois caminhos aparentemente opostos, diversos. Mas um leva ao outro,

---

*Jabberwocky*, poema que é lido por Alice (cf., respectivamente, *Aventuras de Alice*, p. 147 e *Alice: Edição Comentada*, pp. 143-144), vertem *frumious* de uma mesma maneira: *frumioso*. Deleuze emprega o termo *frumieux*, na *Lógica do Sentido*. Na tradução brasileira da obra, Luiz Roberto Salinas Fortes usa tanto *furiante* quanto *fumioso*. Preferimos *frumioso*, uma vez que está mais próximo do inglês *frumious* e do francês *frumieux*, além do que os dois tradutores de *Alice* entram aí em acordo. O poema *The Hunting of the Snark* pode ser encontrado em [www.literature.org/authors/carroll-lewis/the-hunting-of-the-snark](http://www.literature.org/authors/carroll-lewis/the-hunting-of-the-snark) (não há tradução brasileira disponível). O *Jabberwocky*, no original, pode ser visto em *Alice: Edição Comentada*, pp. 144-145, ou no *Panorama do Finnegans Wake*, organizado por Augusto e Haroldo de Campos, p. 102 (juntamente com a versão elaborada pelo primeiro).

<sup>48</sup> Cf. *Lógica do Sentido*, p. 49.

<sup>49</sup> Não faremos aqui qualquer distinção entre *não-senso* e *não-sentido* como possíveis traduções para o termo francês *non-sens*. Além disso, preferimos não atualizar o termo segundo o Novo Acordo Ortográfico (que eliminaria o hífen), uma vez que não há edições recentes da *Lógica do Sentido* contendo tal modificação.

um *é* o outro: temos aí palavra e coisa, expressão e designação, sentido e objeto. Os dois caminhos se reúnem no nível daquilo que os estabelece: um branco inominável e que, entretanto, é nomeado por uma palavra, dita esotérica. Temos, portanto, uma palavra que se concretiza em coisa, uma coisa que se dissolve em palavra. Poderíamos empregar paradoxos os mais variados, e todos apontariam para o seguinte fato: nesta primeira figura, a expressão é designativa, a designação é expressiva, ou melhor, de uma só vez, diz-se uma coisa, mas o que é dito é também o seu sentido.<sup>50</sup>

Precisamos observar, porém, que, pela lei da regressão ou da proliferação indefinida, só é possível dizer o sentido de um nome através de um outro nome, o que nos leva a um deslizamento indefinido ao longo de termos, por assim dizer, significantes. Como pode então que uma palavra, ao ser enunciada, enuncie também seu sentido? “O nome que diz seu próprio sentido só pode ser um *não-senso*”.<sup>51</sup> Esta primeira figura do não-senso é a que infringe a primeira lei dos nomes normalmente dotados de sentido, a da regressão.<sup>52</sup>

A segunda figura refere as palavras-valises, tais que estas nomeiam – sempre propondo uma vertente de caminhos ligada a disjunções ou ramificações – o branco paradoxal. Toda palavra-valise é já uma palavra esotérica: expressão e designação se trocam, se apontam. “Cada parte virtual de uma tal palavra designa o sentido da outra ou exprime a outra parte que, por sua vez, o designa”.<sup>53</sup> Mais que isso, porém, ela, em si, fornece alternativas efetivas para um desdobramento, uma extração de sentido. Ela *é* já tal desdobramento.

Verifiquemos, desta vez, a lei da disjunção: quando freamos num certo estágio dentro do fluxo contínuo entre nome e nome-sentido desse nome, descolamos um sentido da proposição. O sentido é uma disjunção, um decalque. Mas o que se decalca é sempre um outro do nome em questão, não o próprio nome. Não é o que ocorre nas palavras-valises. Por exemplo, no caso do termo *frumioso*, no qual estão antecipadamente evidentes as vias do fumante-furioso e do furioso-fumante, o que é decalcado como sentido corresponde justamente a uma destas alternativas. O sentido, o duplo evanescente extraído de um nome, por qualquer das alternativas, é já este nome, nele já está presente: “[...] a palavra no seu

---

<sup>50</sup> Cf. *ibidem*, p. 70.

<sup>51</sup> *Ibidem*. Grifo do autor.

<sup>52</sup> Cf. *ibidem*.

<sup>53</sup> *Ibidem*.

conjunto diz seu próprio sentido e é não-senso sob este novo título”.<sup>54</sup> Esta outra figura do não-senso infringe a segunda lei dos nomes normalmente dotados de sentido, a lei do desdobramento, da disjunção.<sup>55</sup>

As palavras esotéricas e palavras-valises claramente têm sentido e, entretanto, por estamparem-no de modo tão visível, dispõem, segundo a dinâmica de um vazio paradoxal, figuras do não-senso. Eis porque estas palavras especiais interessam tanto a Deleuze: elas deixam patente um tipo de relação entre não-sentido e sentido. Que relação é esta?

O quadro exposto é um convite fácil para objeções e explanações por meio de jogos de palavras.<sup>56</sup> Por exemplo: como o não-sentido pode dizer seu próprio sentido, quando, por definição, ele não o possui? Estes jogos, estas interrogações, elas provêm quase sempre de uma relação característica que se quer estabelecer entre não-sentido e sentido, elo que se tenciona conservar no nível da exclusão, negação, a peleja do verdadeiro e do falso.<sup>57</sup> Eis tudo aquilo de que Deleuze quer escapar: permanecer nas malhas que conformam a oposição entre um certo e um errado seria arruinar o esforço até então empreendido. Os vínculos entre não-sentido e sentido precisam ser postulados de outra maneira, e se não deve haver aí exclusão, é provável que se trate de uma coexistência. De fato:

A lógica dos sentidos vê-se necessariamente determinada a colocar entre o sentido e o não-sentido um tipo original de relação intrínseca, um modo de copresença, que, por enquanto, podemos somente sugerir, tratando o não-senso como uma palavra que diz seu próprio sentido.<sup>58</sup>

Há copresença entre sentido e não-sentido naquelas palavras especiais. É verdade que as figuras do não-senso foram estabelecidas em função da infração junto às leis da regressão e da disjunção. Mas não devemos daí concluir que tais leis se opõem às duas figuras.<sup>59</sup> Se assim procedemos, simplesmente retomamos a oposição binária do verdadeiro e do falso, estampada segundo a obediência ou não às mencionadas leis. Ainda assim, devemos lembrar

---

<sup>54</sup> Cf. *ibidem*.

<sup>55</sup> Cf. *ibidem*.

<sup>56</sup> Em Deleuze & Parnet, *Diálogos*, p. 83: “[...] não há um único jogo de palavras em Lewis Carroll”.

<sup>57</sup> Cf. *Lógica do Sentido*, pp. 70-71. Como Deleuze afirma em *Conversações*, p. 185: “Será que ainda podemos pretender que buscamos o verdadeiro, nós que nos debatemos no não-sentido?”.

<sup>58</sup> *Lógica do Sentido*, p. 71.

<sup>59</sup> Cf. *ibidem*.

que, se as palavras especiais infringem tais normas, elas não deixam de ter um sentido, pelo contrário.

Tudo indica pois que as figuras do não-senso, sob as quais atua a entidade paradoxal, devem conviver, coexistir com as leis em questão. Quando essas leis são violadas, a casa vazia manifesta todo o seu brilho: não-senso, prescrito, por exemplo, na forma de palavras especiais, não-senso que é também, por si, sentido. Quando não são violadas, é porque estamos no tocante às palavras comuns, elas que se enquadram sob as referidas leis, regime que, em última instância, só pode ser também assegurado pela casa vazia:

O elemento paradoxal é não-senso sob as duas figuras precedentes. Mas as leis normais não se opõem exatamente a estas duas figuras. Estas figuras, ao contrário, submetem as palavras normais dotadas de sentido a estas leis que não se aplicam a elas: todo nome normal tem um sentido que deve ser designado por um outro nome e que deve determinar disjunções preenchidas por outros nomes.<sup>60</sup>

Na medida em que as palavras comuns estão submetidas à regressão e à disjunção, elas recebem determinações de significação.<sup>61</sup> Tentemos de outro modo: as figuras do não-senso que, ao fim e ao cabo, nada mais revelam que a andança ininterrupta da casa vazia, estão vinculadas ou antepostas, na linguagem, a qualquer tipo de palavra; porém, se relativamente àquelas palavras especiais elas se manifestam diretamente como formas do absurdo, como paradoxais, exatamente porque se trata de nomes que escapam à regressão e à disjunção e ficam assim destituídos de significação, no que concerne às palavras comuns, elas as incluem sob a administração das leis relatadas, de modo que tais nomes ficam aptos a ganhar as determinações de significação.

Essas determinações se dão pela configuração de classes conceituais, relativamente às quais podem ser verificadas operações de inclusão ou exclusão de elementos, o que, como sabemos, nos coloca no terreno da lógica clássica. Pela lei regressiva, segundo a qual o sentido de um nome deve ser designado por outro nome, vamos aí de grau em grau, de classe em classe: cada classe determinada é de um nível a mais que o dos seus membros, os objetos que ela contém, os indivíduos cujas propriedades comuns ela atravessa.<sup>62</sup> Pela lei disjuntiva, se cada classe é formada de acordo com uma propriedade qualquer, nenhum dos membros

---

<sup>60</sup> Ibidem.

<sup>61</sup> Cf. ibidem.

<sup>62</sup> Cf. ibidem.

desta classe deve conformar uma outra com a mesma propriedade: uma classe não pode ter a si própria como elemento.<sup>63</sup>

Deleuze ratifica ainda, como vimos, que as figuras do não-senso, no caso das palavras esotéricas e das palavras-valises, emergem como formas do absurdo. Desrespeitando a regressão e a disjunção, constituem os paradoxos da significação. Temos então, de um lado, o conjunto anormal, isto é, aquele que se inclui como elemento ou que inclui elementos de diferentes tipos, e de outro, o elemento rebelde, na proporção em que pertence ao conjunto cuja existência pressupõe e pertence aos dois subconjuntos que determina.<sup>64</sup> A relevância maior das determinações de significação é que elas organizam a lógica mais tradicional, gerando os princípios de não-contradição e de terceiro excluído.<sup>65</sup>

Se as figuras do não-senso operam determinações de significação, elas também operam – sob o esplendor da entidade paradoxal – a doação de sentido. Tudo se passa, contudo, de outro modo: não se trata agora de conformar, grau a grau, classes ou conjuntos consoante propriedades comuns, mas de distribuir as singularidades dos acontecimentos segundo séries heterogêneas.<sup>66</sup> Estas séries são precisadas como significante e significada, mas a repartição do sentido tanto numa quanto na outra é independente da significação e a antecede. Deleuze sustenta esta ponderação evocando os objetos impossíveis e o terceiro-estado da essência, que traduzem bem a independência entre sentido e significação: pelo primeiro, os objetos ausentes sem significação não deixam de ter sentido; pelo segundo, o sentido é neutro, indiferente às modalidades da proposição, em suas classes e propriedades relativas apenas à significação.<sup>67</sup> Assim:

O acontecimento difere em natureza das propriedades e das classes. O que tem um sentido tem também uma significação, mas por razões diferentes das que fazem com que tenha um sentido. O sentido não é, pois, separável de um novo gênero de paradoxos, que marca a presença do não-senso no sentido, como os paradoxos precedentes marcavam a presença do não-senso na significação.<sup>68</sup>

---

<sup>63</sup> Cf. *ibidem*.

<sup>64</sup> Cf. *ibidem*, p. 72, pp. 77-78.

<sup>65</sup> Cf. *ibidem*, p. 72.

<sup>66</sup> Cf. *ibidem*.

<sup>67</sup> Cf. *ibidem*, pp. 72-73.

<sup>68</sup> *Ibidem*, p. 73.

Estes novos paradoxos do sentido – que afirmam a relação interior original do não-senso com o sentido<sup>69</sup> – são a subdivisão ao infinito, isto é, o passado-futuro que jamais se faz presente e a distribuição nômade, ou seja, a repartição das singularidades em um espaço perenemente aberto. Elas exibem as duas direções simultâneas e a impossibilidade de uma identificação: o devir-louco e o nome-perdido, a dupla aventura de Alice.<sup>70</sup> Estes paradoxos parecem resumir um dos pilares principais de toda esta construção: eles nada mais retratam que a movimentação incessante da casa vazia.

Nas séries percorridas, cada termo ganha sentido em função da distância relativa aos demais termos, mas a distância relativa depende da distância absoluta de cada termo, em cada momento, com o móvel circulante e deslocado em si.<sup>71</sup> As posições relativas entre termos – pelas quais nascem as relações diferenciais e singularidades correspondentes, que são o sentido – dependem de uma posição absoluta cuja referência é o ponto aleatório.<sup>72</sup>

### **Caminhos de Conclusão**

O sentido é assim um *feito*, sempre *produzido* pela circulação do elemento = x ao longo de toda sorte de séries duais: proposições significantes e objetos significados, linguagem e corpo, expressões e designações...<sup>73</sup> A entidade paradoxal surge como o diferenciador que articula e distribui as diferenças entre as dimensões heterogêneas. Há mundo, aliás, sentido, por conta dessa imensa rede flutuante e contínua de trocas, de acontecimentos, na qual aqui e acolá se clarificam, para cada um, lugares singulares. E se há aí um eterno redemoinho, uma roda-viva, é porque os mais singulares destes lugares, os centros sempre descentrados desta teia muito complexa – não importam os nomes que recebam, dinheiro, poder, moda, sexo, carta roubada, treco, conhecimento, dívida, coisa, literatura, mana, beleza, comida, bingo, *rosebud*, amor, *frumioso*, carnaval, política... – estão

---

<sup>69</sup> Cf. *ibidem*, p. 83.

<sup>70</sup> Cf. *ibidem*, pp. 73, 78. Enxergamos também aí, não sem razão, a figura do Aion.

<sup>71</sup> Cf. *ibidem*, p. 73, *Em que se pode reconhecer o Estruturalismo?*, p. 293.

<sup>72</sup> Num contexto não tão distante, encontramos em Pierre Lévy, *op. cit.* p. 130, uma citação que pode ser esclarecedora: “Esse objeto deve ser o mesmo para todos. Mas, ao mesmo tempo, é diferente para cada um, no sentido em que cada um se encontra, em relação a ele, numa posição diferente”. Entre vários exemplos, Lévy toma, de Michel Serres, o exemplo da bola em uma partida de futebol ou de rugby, que ele postula como protótipo de *objeto-ligação*: cf. pp. 122-123. Reconheceremos aí o tema da casa vazia.

<sup>73</sup> Cf. *Lógica do Sentido*, p. 73, *Em que se pode reconhecer o Estruturalismo?*, p. 295.

em movimento permanente, conectando múltiplas séries divergentes, consumando efeitos, gerando sentido. Eis porque, no início da série onze, Deleuze estabelece o objeto = x como ação = x: a casa vazia é, mais simplesmente, um “aquilo em função do quê”, um “é preciso fazer algo”, um “vamos em frente!”.<sup>74</sup>

Ao contrário da filosofia do absurdo, que permanece numa lógica binária, estabelecendo uma oposição básica entre não-sentido e sentido, entre a falta do sentido e sua suficiência, Deleuze complica este jogo e retoma, junto aos estruturalistas, a ideia do sentido como excesso, como superprodução, em função dos múltiplos andamentos do não-senso. Este não-senso, se em si não tem sentido, distancia-se em todo caso da falta de sentido, de sua ausência, pois é justamente o que lhe opera a doação, que a desata.<sup>75</sup>

O estruturalismo tal como apresentado pelo autor propõe, de maneira similar ao estoicismo: as idealidades são o sentido, sentido como produção, nunca pré-determinado, nada tendo a ver com modelos transcendentais. São essências complexas, ultrapassando as essências simples, tanto lógicas como físicas, da metafísica clássica.<sup>76</sup> O sentido não está vinculado, enquanto suposta origem, a um Deus das alturas ou aos interiores profundos do homem, a um universal divino ou a uma subjetividade psicológica.<sup>77</sup> Nada está para ser desvelado ou alcançado, tudo está por ser feito. Como escreve Deleuze:

É, pois, agradável, que ressoe hoje a boa nova: o sentido não é nunca princípio ou origem, ele é produzido. Ele não é algo a ser descoberto, restaurado ou re-empregado, mas algo a produzir por meio de novas maquinações. Não pertence a nenhuma altura, não está em nenhuma profundidade, mas é efeito de superfície, inseparável da superfície como de sua dimensão própria.<sup>78</sup>

Deus, o homem, pouco garantem. Neste lugar, o autor afirma a errância de um materialismo múltiplo e semovente, singularidades que não pertencem aos céus, nem estão aprisionadas em sujeitos: animado pela circulação fluida e decisiva das casas vazias, assim se trama o movimento produtivo dos sentidos.

---

<sup>74</sup> Cf. *Lógica do Sentido*, pp. 69-70.

<sup>75</sup> Cf. *ibidem*, p. 74.

<sup>76</sup> Como lemos em *Diferença e Repetição*, p. 267: “As Ideias problemáticas não são essências simples, mas complexas, multiplicidades de relações e de singularidades correspondentes”.

<sup>77</sup> Cf. *Lógica do Sentido*, pp. 74-75.

<sup>78</sup> *Ibidem*, p. 75.

## Referências Bibliográficas

- BRÉHIER, É. *La Théorie des Incorporels dans l'Ancien Stoïcisme*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1980.
- CAMPOS, A & CAMPOS, H. *Panorama do Finnegans Wake*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- CARROLL, L. *The Hunting of the Snark*. Disponível em: <[www.literature.org/authors/carroll-lewis/the-hunting-of-the-snark](http://www.literature.org/authors/carroll-lewis/the-hunting-of-the-snark)> Acesso em: mar 2015.
- \_\_\_\_\_. *Aventuras de Alice*. São Paulo: Summus, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Alice: Edição Comentada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_. Em que se pode reconhecer o Estruturalismo? In CHÂTELET, François (org). *História da Filosofia – Idéias, Doutrinas*. Vol 8. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- \_\_\_\_\_. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1998.
- DELEUZE, G. & PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Ed. Escuta, 1998.
- LÉVY, P. *O Que é o Virtual?* São Paulo: Ed. 34, 1996.
- PELBART, P. *O Tempo Não-Reconciliado*. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 1998.
- VILLANI, A. Deleuze e a Anomalia Metafísica. In: ALLIEZ, Éric (org). *Gilles Deleuze: Uma Vida Filosófica*. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- WAHL, F. O Copo de Dados do Sentido. In: ALLIEZ, Éric (org). *Gilles Deleuze: Uma Vida Filosófica*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

Recebido em: 22/02/2015 – Received in: 02/22/2015

Aprovado em: 21/07/2015 – Approved in: 07/21/2015